

Saúde



COMPORTAMENTO
O que significa 'gaslighting'?

Termo foi criado a partir de um filme sobre manipulação emocional de 1940



ANA FLÁVIA PEAR
saúde@globo.com.br
@anapear

SAGA DO PARTO

Taxa de cesáreas segue em alta no país, e planos de saúde são parte do problema

Por trabalhar na área da saúde, como enfermeira, a carioca Jéssica Pinho, de 35 anos, já imaginava que teria dificuldade para encontrar um médico que topasse fazer o parto da filha que ela esperava de maneira natural. Quando procurou um obstetra plano de saúde, se avolumou, ela entrou em uma verdadeira batalha — e saiu viciada: precisou contratar uma equipe particular, como única forma de evitar uma cesárea.

Casos como o dela, de mulheres que não conseguem realizar o parto natural por meio do convênio, se avolumam no Brasil. Consumidoras e advogadas que acompanham o tema apontam os planos de saúde como o cerne do problema, porque uma parte significativa dos médicos credenciados se recusa a seguir no atendimento quando descobre a preferência da gestante pelo parto natural.

O número de cesárias no Brasil continua a crescer e se distanciar do patamar recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), de que apenas 15% dos nascimentos sejam não naturais — o percentual estimado de casos em que o procedimento é realmente necessário. No país, aproximadamente 59,7% dos partos realizados no ano passado, incluindo nascimento através de hospital públicos, foram por meio de cesariana, ante 58,1% em 2022.

Informações da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) obtidas pelo GLOBO mostram que, se considerados apenas os planos de saúde, as cesárias representaram cerca de 82% dos nascimentos em 2022, o dado mais recente disponível. O problema com os planos tem motivado reclamações na Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon). No primeiro trimestre, foram 78 queixas de consumidoras na plataforma consumidor.gov.br por não conseguirem realizar o parto normal pelo plano de saúde — para comparação, no mesmo período de 2019 não houve nenhuma queixa formal sobre o tema.

Na saga pelo parto normal, Jéssica primeiro entrou em contato com o plano, Bradesco Saúde, para descobrir a taxa de partos normais na rede de atendimento credenciada. Uma



Procedimento desnecessário. Taxas de cesárea são muito mais elevadas no Brasil do que recomenda a OMS, gerando risco aumentado para mães e bebês

norma da ANS permite que as gestantes tenham acesso ao percentual de cesárias entre os nascimentos realizados no convênio.

O GLOBO teve acesso a um documento que lista as informações de todos os 66 médicos e clínicas credenciados pelo plano no estado do Rio de Janeiro. Desse total, 60 realizaram apenas cesárias em dezembro de 2023. Outros cinco tinham taxas de cesária entre 80% e 98% dos nascimentos. Apenas um médico tinha taxa inferior a esse patamar, mas ainda elevada (50%).

—Fedi que o plano me indicasse um profissional que respeitasse as taxas da OMS — conta Jéssica. — Não conseguimos me indicar, e me passaram uma lista de pres-

tores, falando para eu entrar em contato com cada um. Os quinze consultórios indicados falaram que não faziam parto normal, a não ser que eu pagasse por fora. Jéssica, então, entrou em contato novamente com o plano, que agendou uma consulta com um profissional que supostamente realizaria o parto natural. Após poucos minutos de atendimento, o médico afirmou que não havia como assumir essa responsabilidade, por ter compromisso no mesmo dia, mas deixou escapar que a remuneração pelo procedimento é baixa, de apenas R\$ 800.

—É possível fazer uma cesária em meia hora. Com o parto normal, pode acontecer de durar 20 horas. As espe-

radoras remuneram o mesmo para os dois procedimentos, mas o pagamento deveria se basear na disponibilidade — diz o presidente da Comissão Nacional de Assistência ao Parto da Febrago, que representa associações de ginecologia. Elias Melo.

O médico explica que a cesariana apresenta maior risco de morte para a mãe, porque o corpo não possui mecanismos de defesa natural para cortes no abdômen, ao contrário da vagina, que tem um sistema linfático que protege a área durante o parto. Por isso, a probabilidade de a mulher se recuperar sem sequelas é maior.

Além disso, bebês nascidos por cesariana têm maiores chances de apresentar ta-

quipes transitória (dificuldade para respirar). A menor contração do útero nesses casos pode fazer com que o recém-nascido não consiga expulsar os líquidos dos seus pulmões.

A fisioterapeuta Pamela Brito, de 31 anos, encontrou outro tipo de problema ao procurar um médico do plano, em 2022: todos os profissionais disseram que só realizariam o parto normal se ela chegasse à maternidade "parindo".

—Não falaram diretamente, mas não queriam o parto normal por conta da demora. Alguns falavam que esperavam só uma ou duas horas — diz.

DIREITOS

A advogada Sabrina D'Avila, especialista em direito público e privado, afirma que existe

entendimento judicial de que não há problemas na cobrança de uma taxa de disponibilidade, desde que a paciente concorde. Ao mesmo tempo, existe uma interpretação contrária, de que essa taxa é abusiva pelas normas do Código de Defesa do Consumidor.

Edylaine Rodrigues, advogada especializada em direitos da saúde e da mulher, afirma que os médicos muitas vezes recebem R\$ 1 mil do plano pelo parto, e cobram outros R\$ 3 mil da paciente como taxa extra.

—A paciente vai ter problemas para reembolsar esse valor, porque essa taxa, que os médicos chamam de disponibilidade obstétrica, não tem TUS (Terminologia Unificada da Saúde Suplementar), ou seja, não é procedimento médico. Ela menciona que, além desses problemas, as mulheres sofreriam outras violências no parto, como serem obrigadas a ficar sem comer, para que, sem forças, peçam a cesariana. Outros médicos fariam coisas como: "seu bebê é muito grande, vai te rasgar inteiro". Existe ainda a violência medicamentosa, quando a mulher recebe ocitocina sem necessidade.

—Esse remédio é dado como um punhal. A dor é tamanha que a mãe desiste.

Em nota, a ANS afirma que vem trabalhando, desde a década de 2000, para sensibilizar o setor quanto à melhoria da qualidade e segurança da atenção à saúde materna e neonatal. "A taxa de cirurgias cesáreas vem declinando desde 2017 no setor suplementar de saúde, passando de, aproximadamente, 86% em 2017 para cerca de 81,8% nos anos de 2021 e 2022", disse.

Procurada, a Bradesco Saúde disse que o tema deveria ser abordado junto à ANS.

Marcos Novais, superintendente executivo da Abramec, que representa os planos de saúde, afirma que as empresas têm incentivos para realizar o parto normal, que levam, de modo geral, a menor tempo de internação e recuperação melhor da paciente.

—Estamos habituados a realizar o parto com o mesmo médico que fez o pré-natal, diferentemente de países como Portugal, Inglaterra e França, em que o acompanhamento é feito com uma equipe multidisciplinar. Assim, no momento do parto, a gestante já estará acostumada com a equipe — diz Novais.

CIÊNCIA

Natália Pasternak
Instituto de Física de São Carlos
Instituto de Física de São Carlos
Instituto de Física de São Carlos



O mito do instinto materno

Com a aproximação do Dia das Mães, aproximam-se também a costureira pasteurizada romântica da maternidade e a glamorização publicitária de uma fase da vida que, no mundo real, é repleta de dúvidas, angústias, aprendizados e alguns momentos de puro desespero. Os mitos da maternidade paradisíaca colaboram para gerar culpa e ansiedade em mães que, talvez, não sintam a glória celeste que, supostamente, a mera presença dos filhotes deveria produzir. Também contribui para reforçar o mo-

delo de família em que cuidar dos filhos é a tarefa essencial da mulher, seja por tradição cultural ou porque a fêmea teria sido "evolutivamente selecionada" para o papel.

Além de excluir pais e cuidadores de outros gêneros, uniões homoafetivas e diferentes arranjos parentais, a mitologia da maternidade empurra a mulher de volta para a função de rainha do lar, que lhe teria sido designada pela natureza.

A natureza, no entanto, tem outras ideias. A bióloga Jeanne Altmann estudou comportamento de babuínos no Quênia durante quarenta anos. Observando como fêmeas que eram mães de primeira viagem interagiam com seus filhotes, ela percebeu que muitas tinham dificuldades e pareciam surpresas quando os filhotes mostravam desconforto ou estresse. Como tinham que seguir acompanhando o resto do grupo imediatamente após o parto, algumas se atrapalhavam para carregar e amamentar, chegando a derrubar ou arrastar o filhote. Alguns filhotes morriam desidratados.

Geralmente, as mães babuínas saem-se melhor na segunda gestação. É um aprendizado. Quando têm ajuda, ficam mais felizes. Altmann também percebeu que se as mães per-

tencem a uma hierarquia mais alta no bando, as conexões sociais tornam a maternidade mais leve, com ajuda de outras fêmeas. Já as "plebeias" precisam se virar sozinhas.

Pesquisadores do grupo de Altmann relatam a presença de hormônios relacionados a estresse e ansiedade

A maternidade causa transformações biológicas nas fêmeas que dá à luz, mas elas não se convertem numa cidadã perfeita

nas fêmeas dessas espécies, o que pode gerar queda na imunidade, deixando-as mais suscetíveis a doenças. Além disso, as mães que não têm ajuda costumam ser mais exaustas na proteção dos filhotes, restringindo sua mobilidade. Os filhotes das mães com vantagem hierárquica são criados com mais liberdade, e costumam ser mais autossuficientes.

Nas fêmeas de mamíferos, durante a gestação e no pós-parto, hormônios são liberados para estimular um comportamento de cuidado e de proximidade com o bebê. Mas isso é apenas um aspecto da maternidade, e não é essencial. Catherine Dulac Higgins, professora de biologia em Harvard, descobriu que tanto camundongos machos quanto fêmeas

têm respostas hormonais e neuronais à interação com filhotes, apresentando mudanças de comportamento como brincar e lambos pequenos. Estudos em humanos também mostram a liberação de hormônios em pais e mães, adotivos ou biológicos, em resposta à interação com o bebê.

A maternidade causa transformações biológicas na fêmea que dá à luz, mas essas transformações não a convertem numa cuidadora perfeita ou exclusiva. O "instinto maternal" não está na nuvem para download. Há muito que precisa e, pode, ser aprendido com a experiência, e não é só a mãe que pode fazer esse aprendizado.

O mito da maternidade mágica contribui para perpetuar a falácia de que uma convenção social ultrapassada — a de que a mulher existe, em primeiro lugar, para ser mãe — seria um fato incontestável da natureza. Não é. O conto da maternidade como instinto natural da mulher também impõe culpa às mães que precisam de um tempo e de suporte social para desenvolver uma relação saudável e positiva com seus bebês. Ter filhos não é, nem precisa ser, mágico. Portanto, deixo vozes de fêmeas e de cuidadores, porque não é necessário ser mãe para lambem a cria.